

## POLÍTICA

04 JUL 1991

HAROLDO HOLLANDA

## Congresso e Forças Armadas

As lideranças políticas tentam encontrar desde ontem uma saída para o impasse político gerado no País a partir da nota dos três ministros militares de crítica ao Congresso pela recusa da Medida Provisória 296, que concedia um reajuste de vencimentos aos servidores da União. Mas o deputado paraibano Vital do Rego, do PDT, disse que o ministro Jarbas Passarinho saiu como entrou da reunião de ontem com o presidente do Senado, Mauro Benevides, e as principais lideranças partidárias: sem ter assumido nenhum compromisso. O representante do PDT, cassado em 68, depois de ter servido na Câmara como vice-líder de Adauto Cardoso e Bilac Pinto, respaldado na sua experiência, considera da maior gravidade a nota dos ministros militares. Conta que foi extremamente elegante e amena a reunião de Passarinho com os líderes partidários. Mas ao sair do encontro o ministro da Justiça deixou escapar um desabafo significativo, ao confessar: "Se eu tivesse me antecipado aos fatos, nada disso relacionado com a 296 poderia ter acontecido". Na interpretação de Vital do Rego, foi como se o ministro Passarinho quisesse dizer que se tivesse vindo diretamente para o Congresso e participado das negociações a medida provisória poderia ter sido aprovada.

O clima político no Congresso é de apreensão, dado que o fato coloca em confronto a instituição parlamentar e as Forças Armadas. O senador Maurício Correia, líder do PDT, diante de Passarinho, confessou que se sentia constrangido pelo que acontecera. O senador Marco Maciel, líder do Governo, acha que a visita do ministro da Justiça foi importante, na medida em que assinalou a retomada das negociações entre o Executivo e o Legislativo em torno do

aumento dos servidores públicos. Recorrendo ao Conselheiro Acácio, na análise dos últimos acontecimentos, repetiu o líder do Governo que as consequências vêm sempre depois, nunca antes. Recordou que lendo dias atrás o livro do "brazilianist" Skidmore, ali comprovou que o manifesto dos militares, em 58, foi determinado por uma questão de soldo. Mais recentemente, pressentindo os desdobramentos do que podia ocorrer, distribuiu entre jornalistas seus conhecidos o testamento político do príncipe holandês Maurício de Nassau, no qual ele adverte sobre os cuidados que o homem de Estado deve ter nas suas relações com os senhores da guerra. Na avaliação de Maciel, tudo o que acaba de suceder poderia ter sido evitado, se o bom-senso tivesse prevalecido. "Ignoraram a história", frisa ele. Não atinaram as lideranças partidárias de acordo com seu juízo, que a Medida Provisória 296 iria favorecer 800 mil servidores.

O senador goiano Irapuan Costa Júnior, do PMDB, conta que viajou recentemente com militares, integrando uma missão oficial do Congresso que visitou a Amazônia a convite do Ministério do Exército. Pelo que tem conhecimento, a nota dos ministros militares é uma decorrência dos temores que têm de serem ultrapassados em sua autoridade pelos presidentes do Clube Militar e da Aeronáutica, que se colocaram à testa de movimentos reivindicatórios pela melhoria dos vencimentos de oficiais e praças das Forças Armadas. Há ainda o fantasma político do deputado e capitão Jair Bolsonaro, que irrita os ministros militares pela sua pregação rebelde, com o que fere o princípio da hierarquia castrense. Julga o senador por Goiás que a nota dos ministros militares se destinou ao público interno e se esgota aí como episódio político.

## Apelo de Passarinho

Através de vários apelos, o ministro Jarbas Passarinho tentou evitar que o senador Mauro Benevides, presidente do Senado e do Congresso, divulgasse uma nota condenando o pronunciamento dos três ministros militares. Alegou Mauro Benevi-

des que tendo sido o Congresso criticado, não podia deixar de defender a instituição que representa, embora o tenha feito em termos equilibrados. Se tivesse se omitido, estaria fugindo às suas responsabilidades.

## Críticas a Collor

O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, diz que não há de sua parte nem das demais lideranças partidárias o intuito de agravar o episódio envolvendo os militares e o Congresso. No acontecimento em si o que o líder do PMDB identifica como grave foi a informação dada pelo ministro Passarinho aos jor-

nais de que o presidente Fernando Collor de Mello tomou conhecimento antecipado da nota dos três ministros militares. Com isso, segundo Lucena, Collor se solidarizou e se tornou conivente com os agravos cometidos contra o Congresso naquela nota.

## Maciel desinformado

Político ligadíssimo ao Palácio do Planalto aponta como sintoma da falta de completo entrosamento na coordenação política do Governo o fato de que o senador Marco Maciel, apesar da

sua qualidade de líder do Governo, só tomou conhecimento da nota dos ministros militares quando informado pelos jornalistas que cobrem as atividades do Congresso.

## Aviso de amigo

O deputado José Luís Maia, vice-líder do PDS, tinha a intenção de advertir o ministro Passarinho, em encontro previsto para ontem à noite, que ou o Go-

verno reformula por completo seu esquema de relacionamento com os políticos ou corre o risco de ser seguidamente derrotado no Congresso no segundo semestre deste ano.

## Jânio e Collor

O senador Humberto Lucena, líder do PMDB, vê muitas semelhanças entre o atual momento e o que precedeu a renúncia de Jânio Quadros, que, a

exemplo do atual Governo, carecia de maioria no Congresso. "Só que Collor não é de renunciar", constata o líder do PMDB.